

GUARDADOR DE PALAVRAS: REFLEXÕES EM TORNO DE DICIONÁRIOS, VOCABULÁRIOS E GLOSSÁRIOS

Verli Petri¹
Vanise Medeiros²

Temos, já há algum tempo, nos dedicado às palavras em estado de glossário, de vocabulário, de dicionário. Por vezes, seguimos seus rastros; por vezes, detemos nosso olhar para o objeto técnico (Auroux), discursivo e simbólico (Orlandi) que as encerra. A palavra tem sido nosso ponto de encontro desde antes de nosso primeiro artigo em conjunto e segue nos motivando a refletir. A proposta deste Dossier surge da necessidade de reunir em um número da Interfaces os trabalhos de colegas que, como nós, se sentem seduzidos e desafiados pela palavra e por tudo o que dela emana.

Nascidos das listas de palavras (Auroux, 2008), acerca dos vocabulários se pode dizer que consiste em uma das práticas mais antigas da escrita. Uma prática que se constituiu com as cidades (Rodríguez, 2011); e cujas cidades contemporâneas continuam a produzir. Estendemos esta compreensão aos glossários e aos dicionários, guardadas suas especificidades, pois junto com os vocabulários conferem às línguas um estatuto de existência; atestam formas de nomear, de dizer, de viver. Trata-se de espaços institucionalizados que “guardam” palavras; ou ainda, que guardam significantes tornados palavras. Arquivam; deixam rastros de língua tecidos nas palavras, mas também apagam rastros, que por vezes retornam como um significante recalçado.

Para além dos instrumentos linguísticos, a palavra está em plena circulação, ela constitui sujeitos e é por eles significada em diferentes espaços de produção discursiva. Este Dossier traz uma pequena amostra do que se tem estudado sobre a palavra em funcionamento na língua e no discurso. Passamos a uma breve apresentação dos artigos que compõem nosso tão esperado “Dossier da Palavra”.

Este dossier tem início com o denso artigo de José Horta Nunes, intitulado Dicionário de verbos e regimes: dicionarização, autoria e memória lexicográfica. Voltando-se para a gramatização brasileira no século XX, traz como objeto de estudos o Dicionário de verbos e Regimes de Francisco Fernandes. Sua análise e reflexões colaboram para aprofundar questões relativas à prática e à autoria lexicográficas, além de noções importantes para o trabalho com dicionários.

Carolina Rodríguez-Alcalá e Felipe Augusto Santana do Nascimento, em seu artigo “A dimensão coletiva dos sentidos de cultura: uma análise da palavra em dicionários brasileiros”, investem com vigor no pré-construído que sustentaria a evidência que associa cultura e identidade. Retornam, para suas reflexões teóricas, à colonização europeia e à formação dos Estados nacionais, e caminham, ainda, para uma análise do termo em dicionários do século XVIII a XX.

1 Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. e-mail: verli.petri72@gmail.com

2 Professora Associada da Universidade Federal Fluminense, pós-doutorado pela Sorbonne Nouvelle Paris III, bolsista Produtividade do CNPq e Cientista FAPERJ. e-mail: vanisegm@yahoo.com.br

Élcio Aloisio Fragoso e Fernanda Silveira Pereira da Silva apresentam o artigo intitulado “O funcionamento de dicionário eletrônico de libras como instrumento linguístico”, no qual analisam o funcionamento de verbetes da letra M no dicionário eletrônico da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Os resultados da pesquisa indicam que este dicionário produz conhecimentos sobre a Libras, partindo dos estudos linguísticos da Língua Portuguesa.

No artigo “Pandemia, histeria: o funcionamento discursivo da designação nos dizeres de um presidente”, de Rômulo Silveira Borges Balz e Luciana Iost Vinhas, é desenvolvida uma reflexão sobre o funcionamento discursivo da designação “histeria” em dizeres proferidos pelo presidente do Brasil durante o período inicial da pandemia no Brasil, em março de 2022. Os resultados indicam a configuração característica de uma formação discursiva de extrema direita e suas implicações.

Eduardo Alves Rodrigues, Carmen Agustini e Luiza Castello Branco no artigo “Palavras na transversalidade espiralada da história: (re) atualizações do funcionamento dicionarístico em um desbolsonário, um vlognário e um filmário”, analisam “três objetos político-simbólicos” e mostram que os modos como a palavra faz laço no material analítico estabelecem relações discursivas que sustentam as interpretações sobre a sociedade brasileira atual, o que se (im) põe à leitura.

É a palavra na emergência de um acontecimento recente – a eleição no Brasil da primeira mulher à presidência da República – o foco do artigo “Da língua que sempre vai onde o dente dói: uma análise discursiva do par de palavras presidenta/presidente”, de Laís Virginia Alves Medeiros e Michel Marques de Faria. Trata-se de uma frutífera análise das tensões no (poder) dizer a partir do discurso jurídico e do jornalístico, ou como avisam, sobre a língua como uma questão de Estado.

Ângela Derlise Stübe e Marieli Zanotto, no artigo intitulado “Imaginário sobre o indígena:

produção de sentidos em dicionários de língua portuguesa”, buscam compreender as memórias discursivas que sustentam as discursividades sobre o sujeito indígena nos dicionários. No artigo, as autoras explicitaram os imaginários que sustentam os discursos em circulação sobre o sujeito indígena e como estão alicerçados sob uma retórica colonialista.

Com o artigo de Silmara Dela-Silva e Ronaldo Freitas, “(Não) é só uma palavra: a escolha de NFT como palavra do ano pelo Dicionário Collins”, somos levados a uma fértil reflexão sobre a palavra no entrelaçamento na atualidade dos espaços dicionarístico e midiático. É a complexa relação entre linguagem e tecnologia que está sob a lente da análise, oportuna, a partir do gesto inaudito de eleição de uma palavra do ano em um conceituado dicionário.

O artigo “*Mulato* nos dicionários de português ou sobre o que uma palavra pode contar da mestiçagem no Brasil”, de Rogério Modesto, põe em cena uma profícua reflexão sobre a noção de mestiçagem no Brasil. A partir de um arquivo discursivo que mapeia o verbete mulato e centrando-se em dicionários brasileiros, o autor, em seu gesto analítico, apresenta uma periodização do pensamento sobre mestiçagem no Brasil na relação com gramatização brasileira e tece uma proposta discursiva sobre mestiçagem.

Fernanda Surubi Fernandes, em seu artigo “A palavra no *Dicionário Feminino da Infâmia*: sentidos de *estupro*”, promove uma análise sensível sobre o verbete estupro em um dicionário especializado que porta verbetes referentes às problemáticas enfrentadas por mulheres. Em sua reflexão, a autora nos convoca a refletir sobre posições-sujeitos mulher na contemporaneidade, corpo, língua, sociedade, violência, além de acenar para possibilidades que se abrem com movimentos sociais e seus instrumentos linguísticos.

O artigo “Aprisionando sentidos: a produção de glossários pela polícia civil do Estado do Tocantins”, de Wanderson Chaves de Queiroz e José Edicarlo de Aquino, caminha na esfe-

ra dos instrumentos linguísticos no espaço jurídico. Nele se encontra uma reflexão original sobre glossários feitos em instâncias da lei, ou mais especificamente, glossários que aprisionam palavras e sujeitos, como é o caso de glossários policiais; não, contudo, sem cuidar do funcionamento dos glossários ao longo da história.

Em “Sentidos de acessibilidade e de barreira em uma lei e em um glossário”, Andressa Marchesan apresenta uma reflexão sobre tais palavras a partir de um “Glossário” de termos relacionados à acessibilidade e à tecnologia assistiva, disponibilizado de forma on-line pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, em suas relações como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. A autora mostra as relações entre as palavras estudadas e as implicações práticas decorrentes dos sentidos.

Com o artigo “Rito da palavra: os sentidos dos glossários em livro didático”, Flavio Benites se volta sobre o ensino do léxico a partir dos glossários no livro didático “Português Linguagens”, tendo em vista o posicionamento do sujeito-autor e o modo como os sentidos construídos podem reverberar no sujeito-aluno. O autor demonstra que os sentidos das palavras do glossário ficam no espaço em que se encontram e não proporcionam ao aluno condições de atravessarem barreiras estruturais linguísticas para produzir sentidos em seus gestos de interpretação.

“Uma proposta discursiva para o trabalho com dicionários no ensino fundamental” é o artigo proposto por Maristela Cury Sarian e Ezilda Rosania Conceição Netto Beloni, no qual apresentam um recorte de pesquisa realizada em escola pública, visando à desestabilização de métodos de ensino conteudistas e promovendo um trabalho com o dicionário capaz de mobilizar efetivamente o funcionamento da língua, a partir do verbete sujeito.

Evandra Grigoletto, Fabiele Stockmans De Nardi e Fernanda Correa Silveira Galli propõem reflexões sobre a palavra “nordestino”, no artigo “Ser nordestino”: modos de dizer, modos de

significar”. As autoras exploram a rede sentidos que se estabelece em torno da palavra, expondo os diferentes modos de significar. Suas análises explicitam o funcionamento de diferentes redes parafrásticas que se inscrevem na memória da nordestinidade neste momento sócio-histórico.

Vera Regina Martins e Silva e Rosiveth Aparecida do Espírito Santo Oliveira analisam, no artigo “Com a palavra, a Palavrinha”, uma atividade desenvolvida em sala de aula de 6o ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública municipal em Cuiabá – MT. A partir de formativos que a gramática designa de sufixos (-inha, -inho, -ote), o foco das pesquisadoras é a produção do sentido pela língua enquanto prática social, em atividade que explora o processo de constituição do sentido das palavras.

A palavra em espaços rurais fronteiriços costura o artigo “Ellos hablan “atravesado”: un ejemplo de territorios marginales tanto en el espacio como en el discurso”, de Fernando Jesus da Silva e Juan-Manuel López-Muñoz. Nele, os autores, ao voltarem seu olhar para as línguas em contato – a partir de fronteiras entre Brasil e Bolívia – e se debruçarem sobre enunciados que dizem do modo como se fala, trazem reflexões aguçadas sobre língua, identidade e alteridade,

O artigo “Frases populares chinesas: tradução cultural do silêncio e a construção discursiva de realidades em sala de aula”, de Roberval Teixeira e Silva e Yuanzhou Li tem como espaço de observação a sala de aula de línguas e se volta sobre sentidos do silêncio. Em sua produtiva análise, que tem como objeto fraseologismos chineses que dizem respeito ao silêncio e que parte de depoimentos de estudantes chineses, o autor vai assinalar a necessidade de se rever silêncio como traço identitário.

A partir desta rápida explanação sobre os artigos constitutivos do “Dossier da Palavra”, convidamos à leitura com a empolgação de quem acredita na língua viva e em funcionamento no discurso e luta pela preservação da história e da memória de diferentes grupos sociais, via o comprometimento de cada um de

nós com a produção do conhecimento científico. Boa leitura!

Referências;

AUROUX; Sylvain. “Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. O que nos ensinam os enciclopedistas sobre a natureza dos instrumentos linguísticos”. Trad.: Sheila Elias de Oliveira. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 20. Campinas: Pontes Editores / Unicamp, 2008.

RODRIGUEZ, Carolina. “Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das ideias linguísticas”. Em: *Caderno de Estudos Linguísticos*, no. 53 (2), jul-dez 2011, pp 197-217.